

1708

SERMAM
DA
RESTAURACAM
DA
BAHIA,

PRE'GADO
NA SE' DA MESMA CIDADE
EM DIA DOS APOSTOLOS S. FILIPPE, E SANTIAGO
PELO PADRE ANGELO DOS REIS DA
Companhia de JESV, da Provincia do
Brasil,

OFFERECIDO
AO SERENISSIMO PRINCIPE
DOM JOAÕ
NOSSE SENHOR.

LISBOA.

Na Officina de MIGUEL MANESCAL, Impres-
sor do Santo Officio. Anno de 1706.

SEPTIMIANO

RESTAURACION

BAHIA

FRANCISCO

DE LA CIUDAD DE

LA HABANA

EN EL AÑO DE 1897

EL DIA DE...

...

...

...

...

...

...

...

...



Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

SENHOR.



*V*ossa Alteza Real como Principe do Brasil offereço as memorias da Restauração da Bahia principal Cidade daquelle seu dilatado dominio ; nem para se perpetuar a liberdade da America conseguida no felicissimo amparo do Senhor Rey Dom João Avo de Vossa Alteza póde haver seguro mais infallivel, que a sombra de Vossa Alteza seu dignissimo Neto.

Nem se julgue im proprio, que sendo a Restauração da Bahia em 625, e a de Portugal em 640, a supponhamos já effeyto daquella Magestade : porque o Senhor Dom João naceu Rey com o infallivel direyto do Reyno ; ainda que se declarou depois pela occurrencia do tempo.

Communmente os fins correspondem aos principios por humas disposições occultas, que os ignorantes dizem a casos, e os advertidos julgão mysterios ; nas infelicidades por exemplo contaõ as historias a Constantinopla ganhada por hum Theodosio, e perdida por outro ; e para a felicidade Portugueza ficará exemplar a Restauração do Brasil, por o Senhor Rey Dom João, e a sua conservação por Vossa Alteza com o mesmo nome, com o mesmo valor ; com as mes-

mãas virtudes , & com a mesma fortuna ; tendo-a Vossa Alteza ainda aventejada no Pay que lhe deu o ser El Rey Nosso Senhor, que Deos guarde, Dom Pedro segundo , sem segundo; & no Avo de que tomou o nome o Senhor Dom Joã o IV. Primeyro entre todos os grandes Monarcas do Orbe; pois a ccrejcem à sua esclarecida arvore Real em dous taes ascendentes mais dilatadas raizes ; taõ prodigiosamente grandes , que desde o Romano Imperio regadas, ou animadas como realengo sangue de todos os Senhores da Europa , nesta ditosa Lusitania produzirão em Vossa Alteza a flor dos Principes, & flor da boa esperança.

Tambem este Sermaõ se faz acredor da soberana protecção de Vossa Alteza por lhe serem thema as palavras do Discipulo amado Joã, que significa graça, 1. em que a de Deos especialissimamente se communicou a hum, & outro Joã, (os principaes da Sagrada Escriptura) & a todos os quatro famosos Reis do mesmo nome em o ennobrecido Emporio Portuguez; annuncio feliz , que em Vossa Alteza não he já profecia, mas Evangelho; porque não deyxarã de ser agraciado com os homens nome assim grato a Deos ; 2. e mais quando Vossa Alteza por bocca do mesmo Evangelista 3. em bem fundadas esperanças nos intima ditosas posses.

Ser Sermaõ, ser festa à honra do Creator do Universo, 4. ser gratificação das creaturas , são tambem circunstancias, que invocão a Vossa Alteza , cujo Catholico emprego na sua Real Cappella com devotissima attençaõ aos Officios Divinos, & notavel reverencia aos Sacerdotes de Deos he raro

exem-

I.
Joannes , idest gratia De interpret. nomin. inf. Bibl.

2.
Exod. 3. 21. & 11. 3. & 12. 36.

3.
Iterum venio, & accipiam vos Joann. 14.

4.
In principio creavit Deus Cælum, & terram. Gen. 11.

Exemplo a toda a Christandade, & de empenho dos decum-
 tos sagrados, 5. que promettem a Vossa Alteza o galardão
 devido; & comunicado a seus venturoso vassallos; 6 porque
 he inseparavel da boa obra a boa ventura, 7. que em seme-
 lhantes assistencias firmou o Senhor Rey Dom João o IV. re-
 cuperador da hõra dos Portuguezes na sua prodigiosissima
 Acclamação; & restaurador dos louvores de Deos na mesma
 Sua Real Cappella, a que deu ser, fõrma, augmento, grande-
 za, & nome; & porque Vossa Alteza he discipulo de tal
 Mestre, entre ambos são reciprocòs os merecimentos, condignos
 os premios, 8. de que Vossa Alteza se faz dignissimo; Prin-
 cipena Religiaõ, Principe no Mundo, 9. empenho que erudi-
 tamente fez lição ao Serenissimo Principe o Senhor Dom
 Theodosio tio de Vossa Alteza hum Duuto do seu tempo 10.
 Falando na summa veneraçã de Vossa Alteza para a
 Igreja, logo occorreu a este meu destino a nũca bem exaggera
 da devoçã de Vossa Alteza cõ a minha Sagrada Religiaõ,
 de que Vossa Alteza imitando a seus Reaes, & Catholicos
 progenitores, he notavel Protector; ou porque anima em Vossa
 Alteza o Illustre Sangue do Santo Francisco de Boija
 grande no seculo por Duque de Gandia com Deos per Capi-
 tã da Companhia de JESVS; ou porque a louvavel dou-
 trina da Santa Rainha, que està no Cõo, mãs de Vossa Al-
 teza faz continuarnos o unico abrigo, que na sua falta (la-
 mentavel sempre) todos sentiriamos, se não nos deyxasse tan-
 tos supremos valedores, como generosos Principes; filhos jun-
 tamente das suas Reaes entranhas, & das suas soberanas
 virtudes:

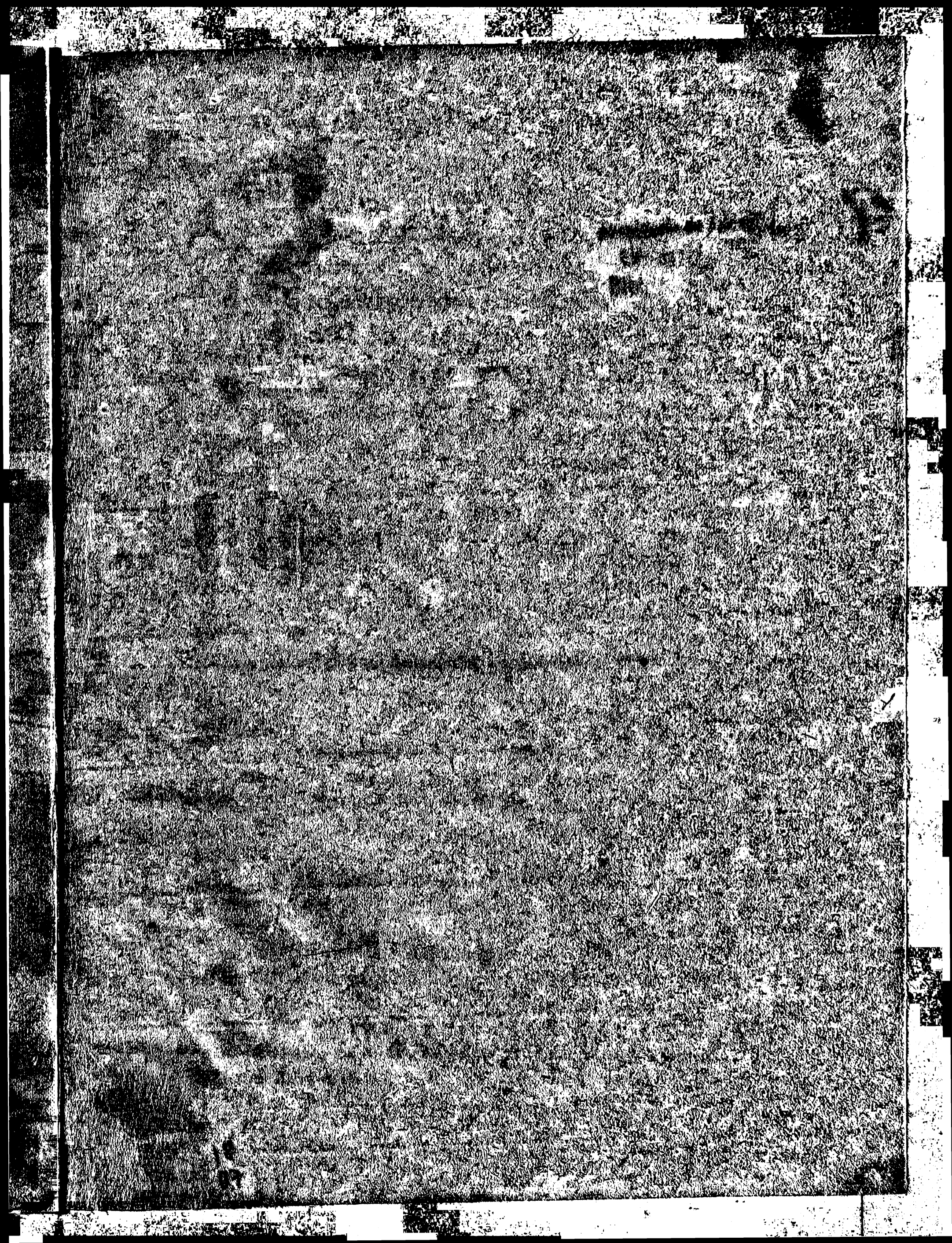
5. Honora Deum
 ex tota anima
 tua, & honorifi-
 ca Sacerdotes.
 In tota anima
 time Dominũ,
 & Sacerdotes il-
 lius sanctifica.
 Eccles. 7. 31. &
 33.
 6. In Deo honora-
 bitur, & in me-
 dio populi sui
 glorificabitur;
 & in Ecclesiis
 Altissimi aperi-
 et os suum; &
 in cõspectu vir-
 tutis illius glo-
 riabitur, & in
 medio populi
 sui exaltabitur.
 Eccles. 24. 2. &
 seqq.
 7. Omne opus e-
 lectum justifica-
 bitur; & qui o-
 peratur illud,
 honorabitur in
 illo. Eccles. 14.
 21.
 8. Fellicissimus
 profectò studi-
 orum labor, cui
 priscorum car-

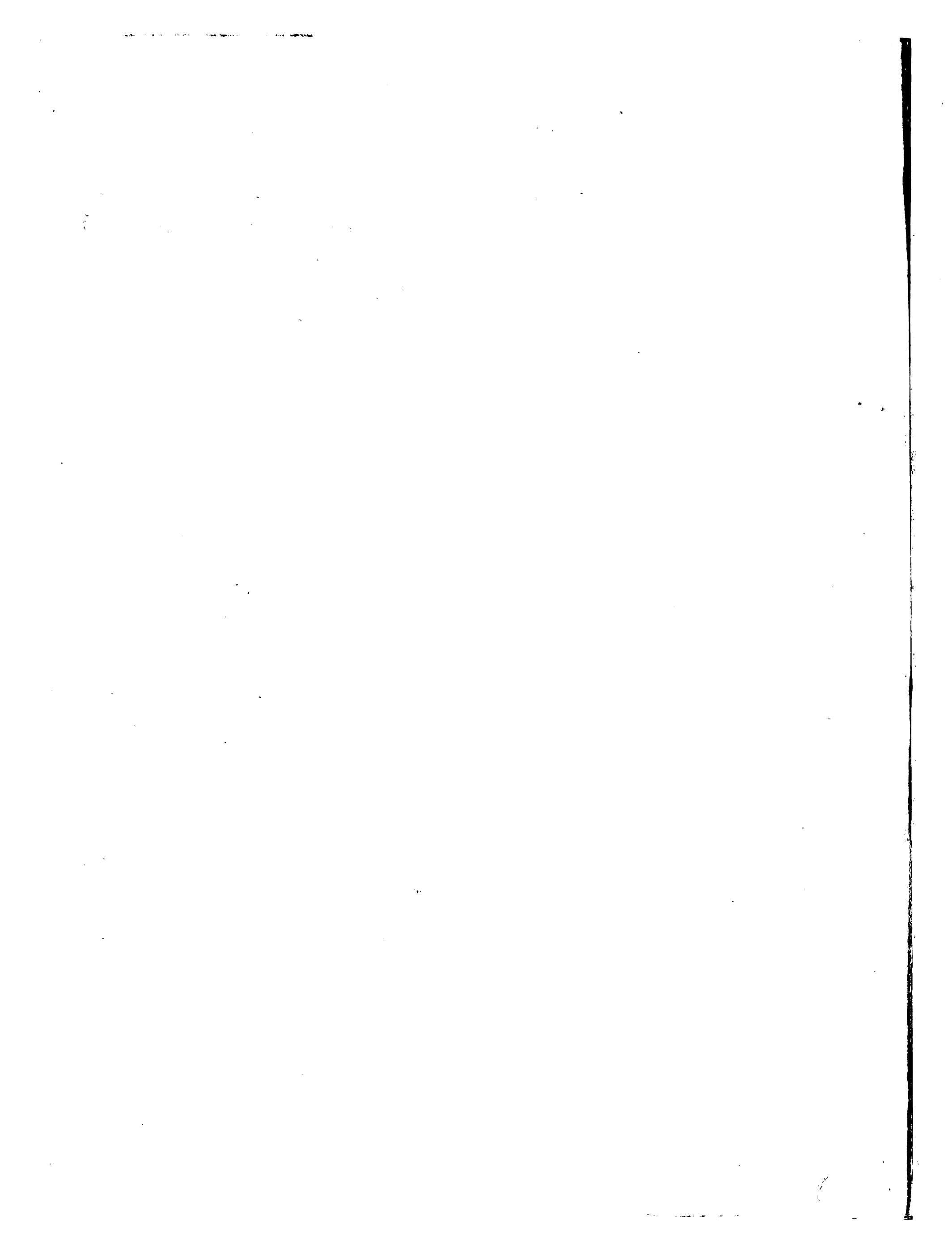
Tanta

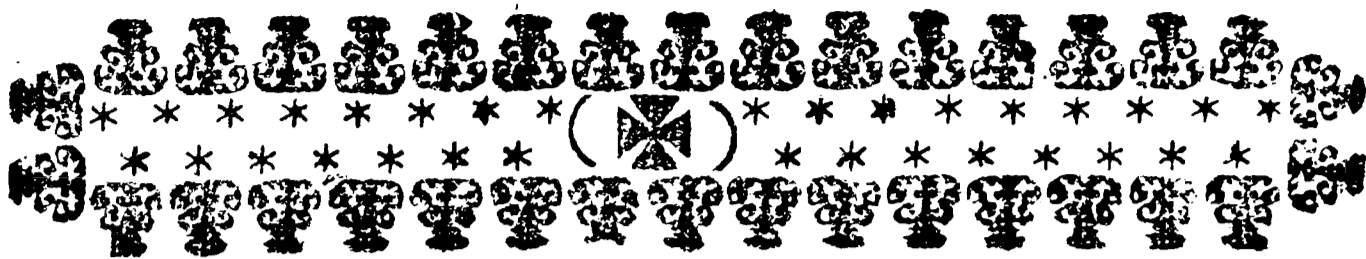
men contigit discere per parentes; & de avita laude primordia teneri pecto-
 ris erudire Cassidor; var. lib. 3. Epist. 6. 9. Ut Principis est in omni virtute
 p. 10. prãire; ita in Religione; maximè quæ princeps, & caput virtutum Lips.
 a Religion. 10. Anten. de Sousa de Maced. Harmonia polit. p. 1. s. 1. Religiaõ

Tanta he a nossa obrigaçã, & tanto se publicã as pre-
dentês miximas de Vossa Alteza, que nas distancias de P r-
tuz il.ã a curia nã caviçã a fins; nem em a diversidade;
de linguas se confunde a verdade; as historias acreditã a
desta prodiziosa Real curia; que por nã ficar menos famo-
sa com os l'feytos do Dr.itor, providamente em Vossa Alte-
za he recuperã creditos, & he eternizã glorias. Deos guar-
de a Vossa Alteza Real, com seus inuteis servos incessavel-
mente lbe pedimos.

O Padre Angelo dos Reis.







Iterum venio, & accipiam vos. Joan. 14.

I



LA disse o Apóstolo que os successos todos da Ley Escrita eraõ profecia, & figurados que depois succederaõ na Ley da Graça: *Omnia in figura contingebant illis.* E o mesmo, se bem notais, posso Eu tambem dizer hoje dos successos primeyros da Ley da Graça em respeyto de algũs, que depois succederaõ. Vastissima materia soua, se Eu os houvesse de descrever todos; mas, para não faltar às obrigaçoens, que aqui me trouxeraõ, hum sô relatarey brevissimo, que será o fundamento, & baze de tudo, o que hey de dizer. Dayme attençaõ, & vamos ao Evangelho.

Iterum venio, & accipiam vos. Estava Christo nas vespervas de se partir deste Mundo, & vendo turbados os animos dos seus Apóstolos, & feridos mortalmente de dõr

com sua auzencia: depois de varias razoens, & motivos, com que fortaleceu, & animou aquelles coraçoes pouco menos que desmayados: accrecentou de mais a mais a promessa de haver outra vez de vir a assistir, & viver com elles *Iterum venio, & accipiam vos.* Demaneyra que huma promessa de Restauraçaõ aos Apóstolos he o que se contem no Textó, que citey por thema. Mais claro. Com a morte de Christo, & sua auzencia havia de ficar o Apóstolado todo como cercado, & cattivo entre desconfolaçoens, entre penas, entre sentimentos: *Tristes erant In Apostoli de Christi acerbo funere Hymn.* diz a Igreja E que fez entã Aposto- o Senhor? Para lhes moderar lor. ad tanta afflicçaõ, prometteu 2. *Vesp.* que com sua vinda outra vez, os havia de restaurar, & tirar da melancolia, da tristeza, da dõr: *Iterum venio, & accipiam vos.* E assi foy, & assi suc-

ce-

I. Cor.
10.

10

2
deo. Passemos ao dia, & à Festa.

O que hoje celebramos, & o motivo das graças, que a Deos devemos dar todos, he a Restauração desta Populozã, & Nobilissima Cidade, merecedora sô entre todas as do Mundo de ser chamada Cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos: Emporio, & Metropoli do Brazil, & primeyra vida, & Alma de Portugal. Celebramos, digo, & damos hoje a Deos as graças pela Restauração desta Cidade; quando, depois de haver estado hum anno em poder de Holanda, os Portuguezes a restaurarão, & tirarão do cattiveyro. De sorte que no Evangelho temos a Restauração dos Apostolos, & na Festa temos a Restauração da Bahia. E consideradas maduramente as circunstancias todas da Restauração da Festa, & da Restauração do Evangelho, digo: que a do Evangelho he a profecia, a da Festa o complemento: a do Evangelho he a historia, a da Festa o referido nella: a do Evangelho he a promessa, a da Festa o promettido: a do Evangelho he a figura, a da Festa o figurado: *Omnia in figura con-*

Sermão

tingebant illis. Vamos agora ponderando huma por huma as circunstancias do caso, & clausulas do nosso thema, & pòde ser que não serà sem ventura.

AVE MARIA.

II.

Iterum venio, & accipiam vos.

A Primeyra circumstancia, que nesta celebridade considero, he a primeyra palavra, que me offerece o thema: *Iterum*, outra vez. Quem diz outra vez, suppoem que hà duas vezes: onde hà duas vezes, hà primeyra, & segunda; assi he. E qual he no nosso caso a segunda vez, & a primeyra? Vã diante o Evangelho; porque em tudo o havemos de seguir.

A primeyra vez, que veyo Christo para viver na companhia dos Apostolos, & assistir com elles, foy quando a primeyra vez veyo ao Mundo, & nasceu em Belem: a segunda, que he a de que falla o Evangelho, foy quando, depois de resuscitado, se uniho de novo à mesma companhia dos Apostolos, & viveu com elles: restaurando os coraçõens

ens de todos, & tirando-os do lethargo, em que vivião com sua auzencia, & do horror, & sombras da morte, em que ficãrão. De forte que, quando appareceu Christo nacido, entãõ veyo a primeyra vez: & quando appareceu refuscitado, entãõ veyo outra vez: *Iterum*.

O mesmo proportionalmente passa com a Bahia. Quando os Portuguezes, vindo da Lusitania ao Brazil, lançãrão os primeyros fundamentos desta Cidade, entãõ foy a primeyra vez, que a ella vieraõ. E a segunda foy quando depois vieraõ a restauralla, & tiralla do poder, & fugeyção de Holanda, de quem estava cattiva. Em duas palavras: para a Fundação da Bahia vieraõ os Portuguezes a primeyra vez; & para a sua Restauração vieraõ outra vez: *Iterum*.

E este *Iterum*; este, outra vez; & não a primeyra, he o que hoje celebramos. Não celebramos hoje a Fundação da Bahia, senãõ a sua Restauração. E porque? Porque na sua Restauração a tornamos a recobrar depois de perdida. E quando a couza perdida se torna a recobrar, entãõ he que se celebra, &

nãõ quando a primeyra vez se alcança. Prova? Sim; & muyto verdadeyra. Naceu o Filho, que depois se chamou Prodigio, & nãõ diz o Texto que lhe fizeffe entãõ o Pay celebridade, nem festa alguma: creceu, & crecãrãõ tambem nelle os vicios: sahe-se da caza do Pay, & auzenta-se delle, fugitivo, loco, de pravado. Passãrãõ os annos; eis q̃ volta outra vez para caza o Prodigio: *Venit ad patrem suum*. E que succedeu entãõ? Diz o Evangelista que o recebeu o Pay com festa, com despezas, & com banquetes esplendidos: *Et ceperunt epulari*. Aqui reparo.

Luc.
15.

Ibidem.

Quando o Prodigio voltou para caza, era Filho sim; mas era Filho rebelde, mal considerado, & desobediente, ou pouco fugeyto a seu Pay: quando naceu, nãõ lò nãõ era viciozo, mas era bem visto, & amado do mesmo Pay, como o saõ todos os filhos varcens nas cazas dos Principes. Pois, se quando naceu, nãõ festejou o Pay o seu nascimento; porque celebra, & festeja a sua volta para caza? Arazaõ a pontou já o Grande Mestre dos Prêgadores, o Doutissimo Vieyra, muyto a seu, & meu intento, & he a

Vicy.t.
3. pag.

** ij

mes- 219.

Luc. 15.

ma, que refere o Texto: *Perierat, & inventus est.* Fez o Pay festas, quando voltou o Prodigio, & não quando nasceu; porque quando voltou, tornava-o a recobrar depois de perdido: *Perierat, & inventus est.* E he a mesma razão, que vou dizendo. Não celebramos a Fundação da Bahia, senão a sua Restauração; porque quando se restaurou, então se tornou a recobrar depois de perdida; & quando a couza perdida se torna a recobrar, então he que se celebra, & não quando a primeyra vez se alcança: *Ceperunt epulari: Perierat, & inventus est.* Deyxo a alegria, & applauzo, com que recebêraõ os Magos a sua Estrella depois de perdida, porque não quero multiplicar mais passos. Vamos à razão da minha razão.

Porque mais se hade celebrar aquillo, que se recupera depois de perdido, & não quando a primeyra vez se alcança? Porque todas as couzas, antes de se perderem, então se estimaõ, & amaõ menos; & quando se recuperaõ depois de perdidas, então se estimaõ, & amaõ mais. Criou Deos o Paraizo Terreal, & poz nelle a Adão, para que

o guardasse: *Posuit eum, ut custodiret illum.* Peccou Adão enganado pela Serpente, & ficou cattivo da mesma Serpente elle, & mais o Paraizo. Vede agora como se houve Deos neste passo. Veyo abayxo, lançou dalli fõra a Adão, a Heva, & a Serpente; & ficou o Paraizo restaurado. Mas que Guarda lhe poz então? Aqui està o nosso ponto. O guarda, que então poz Deos ao Paraizo, foy não menos que hum Querubim vigilante, & armado de huma espada de fogo na mão direyta, que plantado à porta o guardasse, & defendesse do Inimigo: *Collocavit ante Paradysum Cherubim, & flammeum gladium.* Não sey se reparais na diversidade destes Guardas. Antes era Guarda do Paraizo hum Homem, & agora hade ser hum Anjo, & não sò Anjo, mas Querubim, que he Anjo mais perfeyto: *Collocavit Cherubim?* Sim, hade ser Querubim.

E porque? Porque Deos segundo a estimação que faz das couzas, assim lhes poem os Guardas mayores, ou menores. Antes de se perder o Paraizo, poz-lhe por Guarda hum Homem, porque ainda então o estimava menos: *Posuit eum, ut custodiret illum;* depois

Gen. 2.

Gen. 3.

depois de restaurado, poz-lhe por Guarda hum Querubim, porque já então o estimava mais: *Collocavit ante Paradysum Cherubim.* Porque todas as couzas, antes de se perderem, então se estimaõ, & amaõ menos; & quando se recuperaõ depois de perdidas, então se estimaõ, & amaõ mais. E para que não duvideis que este he o verdadeyro sentido do Texto, Eu o provo. Ainda estamos na criação do Mundo. Deos he certo que mais ama, & estima a Luz, do que as Trevas. Por isso das Trevas não disse que eraõ boas, & da Luz disse que era boa: *Vidit Deus Lucem, quód esset bona.* Mas que se seguiu daqui? Seguiu-se que à Luz, que estimava mais, deu-lhe por Guarda, & Presidente o Sol, que he o Mayor Planeta: *Luminare mayus, ut præesset diei;* & às Trevas, que estimava menos, deu-lhes por Guarda, & Presidente a Lua, que he Planeta Menor: *Luminare minus, ut præesset nocti.* Demaneyra que Deos à aquella couza, que estima mais, dà-lhe o melhor Guarda, & o melhor Presidente; & dà o menor, & inferior à aquella couza, que estima menos. Bem. Logo se ao Paraizo,

Gen. I.

Ibidem.

Gen. 3.

depois de restaurado, lhe poz Deos por Guarda, & Presidente hum Querubim; & antes de se perder, lhe poz hum Homem: vede se tenho fundamento Eu para dizer que estimava menos a esse Paraíso, antes de se perder: *Posuit eum, ut custodiret illum;* & depois de restaurado o estimava mais: *Collocavit ante Paradysum Cherubim.*

E qual será a razão desta razão? Porque se hade estimar mais a couza, quando se recuperã depois de perdida, do que antes de se perder? A razão he esta: porque tudo aquillo, que se estima, para que se estime, hade ser conhecido por bom: & o bom não se conhece por bom, senão depois que se perde. Torne-mos à criação do Mundo, & ao Paraizo. *Ecce Adam factus in sensu est quasi unus ex nobis sciens bonum, & malum;* são as palavras, que disse Deos fallando de Adam, depois que peccara. Agora fim, já saberã Adam, & conhecerã o bem, que tinha. Agora? E atègora não conhecia esse bem Adam? Não conhecia. E porque? Porque ainda o não havia perdido. Notay. Em quanto esteve Adam no Paraizo, antes de peccar, tinha sciencia

Domini
num di-
xisse ea
verba
non iro-
nicè, sed
vero,
mat D.
Am-
brof.
Tertul.
apud P.
Benedi-
rum
Fernan-
des tom.
in Ge-
natu-
nes.

ral, & sobre natural de todas as couzas; & com tudo ainda não conhecia obem, que ali gozava: depois que peccou, porque entãõ perdeu esse bem, entãõ he que o conheceu, & soube que era bom; porque o bom não se conhece por bom, senãõ depois que se perde: *Ecce Adam sciens bonum, & malum.* E por esta mesma razãõ; isto he; porque o bom não se conhece por bom, senãõ depois que se perde: *Ecce Adam sciens bonum;* por isso, quando se recupera; entãõ se estima: *Collocavit ante Paradysum Cherubim;* & entãõ se celebra, & festeja: *Et ceperunt epulari.* E como a Bahia (vamos agora colhendo tudo) & como a Bahia, antes de estar cattiva, era hum tal bom, que por não ser ainda perdido, & recobrado, nem era conhecido por bom, nem estimado: & depois de restaurada, era bom, que por ser recobrado depois de perdido, já era conhecido por bom, & como tal estimado; por isso celebramos hoje não a sua Fundação, senãõ a sua Restauração: não a primeyra vez, que a ella vieraõ os Portuguezes; senãõ quando vieraõ outra vez: *Iterum.*

III.

A Segunda circumstancia, que nesta Restauração considero, he a segunda clausula, que me offerece o thema: *Venio*, a brevidade. Não disse Christo aos Apostolos: *Veniam*, Eu hey de vir, para vos restaurar: não lhes fallou de futuro; mas, para lhes significar a brevidade, com que havia de voltar, fallou-lhes de presente: *Venio*, Eu venho já: ficay, que cedo, & logo nos veremos: já aqui estou outra vez com vosco: não cuydeis que hey de tardar; porque já volto, & já venho: *Venio.* E assi foy. Havia Christo prometido de resuscitar depois de tres dias: *Oportet Filium Hominis post tres dies resurgere;* *Marc. 8.* & quando Eu imaginava que esperasse o Senhor pelo fim do dia terceyro, vejo que na madrugada delle resuscitou, muyto ante manhã: *Valde mane.* Parece que o alvo, para que sò olhava Christo em sua Resurreyção, ou na Restauração dos Apostolos, era a brevidade. Não se deteve o Senhor, nem gastou mais tempo em resuscitar, do que em quanto foy a sua Alma a dar o aviso aos Santos Padres, que

Marc. 16.

Sym-
vol.

que o esperavaõ: *Descendit ad inferos.* Deu o aviso, & voltou logo, sem tardar, sem se deter, sem esperar pela tarde, senaõ logo de manhã, & muyto de manhã: *Valde mane*, & com toda a brevidade: *Venio.* Esta he a profecia; vamos ao complemento della.

Bem supponho que sabeis todos que foy brevissimo o tempo, que passou, para se restaurar a Bahia: ainda não chegou a hum anno inteeyro: fõ em quanto foy o aviso a Portugal, & veyo, esteve a Bahia em poder dos Holandezes; & tudo se fez antes de hum anno. Não se deteve a Fidalguia Portugueza, nem esperou mais tempo: foubes que estava tomada a Bahia, veyo logo a restauralla: *Venio.* Depois de cattivo o Paraizo com seus Habitadores, & sugeytos ao poder do Demonio disfarçado na Serpente; foubes deste successo Deos, que os havia creado em sua natural liberdade, & que fez? No mesmo ponto veyo logo a restaurallos, sem mais detença, nem demora alguma: *Cum cognovissent se esse nudos, & cum audissent vocem Domini deambulantis in Paradyso.* Notay a brevidade. *Cum cognovissent se esse nudos*, eyllos ahi cattivo;

Et cum audissent vocem Domini de ambulantis in Paradyso, eis ahi Deos Restaurador, para os libertar. Mas tudo sem demora, & sem intervallo algum; tudo no mesmo dia, & na mesma hora: *Cum cognovissent, & cum audissent.* Tal foy a brevidade, com que se restaurou o Paraizo; & tal a brevidade, com que se restaurou a Bahia: nem Deos là se deteve, ou esperou mais tempo; nem cã os Portuguezes esperaraõ mais, ou se detiveraõ: fouberaõ, & vieraõ logo: *Venio.*

E neste logo, neste *Venio*, nesta brevidade esteve o prelagio melhor da boa fortuna, que experimentaraõ. Porque vieraõ logo, vieraõ a tempo, & aproveytaraõ; se tardassem mais, ou já não haviaõ de vir a tempo, ou, se ainda viessem a tempo, talvez lhes havia de ser mais difficullosa a vittoria. *Serõ medicina paratur, cum mala per longas convalescere moras,* disse là o Poeta: quando a enfermidade se apossou, & a poderou das veas, & membros do corpo, porque os remedios tardaraõ; ou já não aproveytaõ os que entãõ se lhes applicaõ; ou, se aproveytaõ, he com muyta difficuldade. E tal havia de ser

Ovid.
lib. I.
de Rem.
Amor.

Faculdade de Filosofia

Ciências Exatas

Biblioteca Central

Gen. 3.

Pfalm.
78.

a Restauração da Bahia, se tardassem mais os Portuguezes, & não viessem logo, como vieraõ. Vede o que pedia David a Deos. *Citô anticipent nos misericordie tue*: Senhor, o que agora vos peço, he que me acudais cedo com vossa misericordia. Não pedia que lhe acudisse sòmente, senaõ que lhe acudisse cedo: *Citô*; porque no cedo julgava ter certo o bom successo, que esperava: *Citô anticipent nos misericordie tue*. Se os Portuguezes não acudissem cedo, & não acudissem logo; haviaõ de a possarse mais da Cidade os Inimigos, haviaõ de a poderarse mais della, haviaõ de profundar mais às raizes, haviaõ de dobrar, & engrossar mais as forças: & por todas estas razoens, ou senaõ havia de restaurar, ou havia de ser mais difficultoso, & mais custoso restaurar-se a Bahia: *Serô medicina paratur, cum mala per longas convaluere moras*. Porém todas essas duvidas, todas essas difficultades, todos esses custos se evitaraõ, como logo veremos, porque os Portuguezes não tardaraõ, antes vieraõ logo, & sem detença: *Venio*.

Ora vejamos a Restauração da Bahia em huma seme-

lhança muyto propria; & muyto natural. Assim como hà Mundo Material, assim hà tambem Mundo Politico. O Material todos sabeis que se compoem de Ceo, & Terra: o Politico de Reynos, & Monarquias. Isto supposto. Creou Deos o Mundo Material, creou o Ceo, & a Terra; & no Ceo poz o Sol, & a Lua, (que saõ os dous Mayores Planetas) para que fossem os dous olhos do mesmo Ceo: *Mundi Lumina*. Mas com huma circumstancia notavel, que he a que agora nos ferve. Entrepoemse as sombras da Terra (como succede muytas vezes) entre estes dous olhos, ou entre estes dous Planetas; & por cauza desta entreposição eclipsa-se a Lua, cobre-se de horrores, & trevas, enluta-se, & veste-se de negro: & sò entaõ apparece outra vez de gala, branca, & alegre, quando a defeclipsa o Sol. Mas como? Agora o direy. Passa-se o Sol de huma parte para a outra; quero dizer: se estando o Sol desta parte da Terra, que se oppoem em meyo, não communica à Lua seus rayos, & a não defeclipsa com sua natural velucidade, se passa em brevissimo tempo desta parte para estoutra; & no

Virg.
Georg.
lib. I.

no mesmo ponto se descobre a Lua, & apparece sem eclipse, sem luto, sem sombras. Demaneyra que não se de- cendo o Sol, antes correndo ligeyro, & passando-se desta parte para estoutra, assim lança da Lua as trevas, & a restaura, & restitue outra vez aos seus resplandores. Agora ao nosso caso, & à nossa Restauração.

Já disse acima que o Mundo Politico se compoem de Reynos, & Monarquias: agora digo que, assim como no Mundo Material há Ceo, & Terra; assim no Mundo Politico todos os outros Reynos são, & se podem chamar a Terra: & só hum he, & se pôde chamar o Ceo. E qual he este? Não há duvida que he o Reyno de Portugal, & suas Conquistas. E senão vede. O Ceo no Mundo Material tomou-o Deos para si, & para seu assento: *Celum celi Domino*; & a Portugal com tudo o que pertence a seu dominio, tambem o tomou para si Deos no Mundo Politico, para Monarquia sua, & para Reyno seu: *Imperium mihi*. Ao Ceo daõ os Authores commummente o nome de Puro: *Celum Purum*; a Portugal, & a todas aquellas partes, onde ha-

bitam os Portuguezes, se lhe dà tambem o nome de Puro: *Fide Purum*. Do Ceo diz o Profeta que o ama Deos sobre todas as outras moradas suas: *Diligit Dominus portas Sion super omnia Tabernacula*; & este mesmo privilegio, de ser hum Reyno singularmente amado de Deos, se concede, & nenhum o nega a Portugal, sobre todos os outros Reynos: *Pietate dilectum*. Não he isto verdade? assim he. Logo quasi indubitavelmente se segue que Portugal, & suas Conquistas he o Ceo do Mundo Politico. Eu pelo menos assi o julgo, & tenho por certo. Agora vos peço a attenção.

Assim como no Ceo do Mundo Material poz Deos o Sol, & a Lua, que são os dous olhos desse Ceo: *Mundi Lumina*; assim tambem no Ceo do Mundo Politico poz a Lisboa, & a Bahia, que são os dous olhos desse Ceo: *Mundi Lumina*. Já vejo que me perguntais de caminho: qual destes dous olhos he a Lua, & qual he o Sol? Mas tambem de caminho vos respondo: seja embora Lisboa o Sol; pois além dos Rayos da Fidalguia, & Nobresa, que a illustraõ, & de outras Cidades muytas, a que

como

Psal.
113.

er Pu-
m to-
nantes
egit
equos
Hor. lib.
1. carm.
Od. 34.

como a Luzes prefide, he maior: *Luminare maius, ut præffet diei*; porque a Bahia, não se pôde negar que he a Lua, não sò por ser menor: *Luminare minus*, mas por ser fundada, & nacida entre as trevas, & sombras da Gentilidade, para as dissipar, & destruir: *Ut præffet nocti*. E adverti que lhe não faço à Bahia injuria alguma com lhe chamar Lua, ou com lhe chamar menor; porque por isso não deixo de lhe chamar grande igualmente como o Sol, ou como Lisboa; & a prova està do mesmo Texto. Creou Deos no Ceo Material o Sol, & a Lua; esta menor: *Luminare minus*; aquella maior: *Luminare maius*. Mas reparo Eu que a ambos chama o Texto igualmente grandes: *Fecit duo Luminaria magna*. Pois se aquella he menor, & este he maior, porque lhe chama, & dà a ambos igualmente o nome de grandes: *Luminaria magna*? Porque ambos muyto semelhantemente espalhão suas luzes ao Ceo, & o illustraõ com seus resplãdores: *Ut præffet diei*: *Ut præffet nocti*; & porque ambos são taõ semelhantes no luzir, por isso a ambos igualmente dà o mesmo nome; por isso a ambos

Gen. 1.

igualmente chama grandes: *Fecit duo Luminaria magna*. E como este Sol, & esta Lua, de que vou falando: como Lisboa, & a Bahia, com muyta semelhança huma à outra, illustraõ, & afermoseam a Monarquia de Portugal, ou o Ceo do Mundo Politico; por isso digo que à Bahia lhe não faço injuria, chamando-lhe Lua: porque, quando lhe chamo Lua, lhe chamo grande igualmente como o Sol, ou como Lisboa: *Fecit duo Luminaria magna*. Mas vamos com a nossa semelhança.

Posta a Bahia, posta esta Lua no Ceo do Mundo Politico, eclipsou-se, & escureceu-se, quando veyo ao poder, & sugeyção de Holanda: entaõ se vio cuberta de sombras entre as trevas da Heregia, & praveda de Holandesa: entaõ se vestio de luto, & poz sobre si hũa nuvé preta de dor, de tristeza, de amargura. E q̄ fez entaõ o Sol? Que a Fidalguia de Lisboa? Passou-se sem demora algũa daquella para esta parte, da Lusitania para o Brasil: & assim de eclipsou a Lua, & lançou della as sombras: restaurando a Bahia, & restituindo-a de novo à sua primeyra liberdade, à sua primeyra fermosura, ao seu primeyro lustre,

lustre, ao seu primeyro lustimento. Là o Sol Material corrédo veloz, & ligeyro: cá o Sol Politico sem se deter, nem tardar hũ ponto: *Venio.*

IV.

A Terceyra finalmente, & ultima circumstancia, q̄ nesta Restauração muyto cõfidero, he a terceyra tambem, & ultima clausula, que nos propõem o thema: *Accipiamus*, a muyta facilidade, com que os Portuguezes entrãraõ segunda vez à posse da Bahia, & a restaurãraõ. Esta mesma circumstancia, se bem se adverte, temos tambem na Restauração dos Apostolos, que vamos ponderando. Estavaõ os Apostolos no dia da Resurreyção encerrados, ou enterrados no Cenaculo: & esperavaõ a vinda de Christo, como lhes havia prometido. Resuscita em fim o Senhor, chega ao Cenaculo: & sem ruido, nem ruina, penetrando subtilmẽte as portas, entrou, & saudou a todos, lançando (como já disse) de todos a tristeza, & melancolia: & restituindo-os outra vez ao jubilo, & alegria, q̄ antes de sua morte experimẽtavaõ: *Cum fores essent, Clausa, venit Jesus, &*

Joan.
20.

dixit eis: Pax vobis; & gavisi sunt viso Domino. Esta he a figura; vamos agora ao figurado.

Chegãraõ à Bahia os famosos Restauradores, lançãraõ ferro, puferaõ cerco à Cidade: & com não muyto estrondo de algũa Artelharia, que jugãraõ, se introduzio nos Animos sitiados tão consideravel susto, & temor, (diz a Historia) que desde logo se confessaõ todos vencidos, & entregãraõ a Cidade aos Vencedores: que entrãraõ segunda vez à posse della ao primeyro de Mayo do Anno de mil & seiscentos & vinte & cinco: dia para os Portuguezes sempre memoravel por tanta felicidade, & consagrado à memoria dos Gloriosos Apostolos São Felipe, & Santiago, que tambem hoje celebramos. Mas que muyto que cõ tão poca difficuldade restaurassem a Bahia os Portuguezes, se he ella a Lua, & elles o Sol? Notay.

Desceclipsa o Sol, cu restaura a Lua, restituindo-a outra vez aos seus resplandores; mas com muyta facilidade. Tanto que passa o Sol (como já vimos) de huma parte para a outra, mostra rosto, & opõem fronte a fronte com a Lua; & recebendo esta delle

Cond. da
Ericcy.
tom. 1.
lib. 2.

as luzes, apparece descubertamente clara, risonha, & alegre. De maneyra que restaura o Sol a Lua sô com lhe mostrar o rosto. E os Portuguezes restaurarãõ a Bahia sô tambem, (a bem de dizer) sô tambem com lhe mostrarem o rosto. Lede a Historia; mas em quanto a ledes, torne o Parayso. Veyo Deos a restaurar o Parayso, de q se tinha senho-reado o Demonio: & como o restaurou? Cõ duas palavras: reprehẽdeu a Adaõ, & a Heva: amaldiçoou a Serpente: lançou-os dalli fõra, (como depois diziamos) & sem mais estrondo ficou o Parayso restaurado. Agora ponderay comigo a Deos restaurador, & aos Portuguezes tambem restauradores: Deos restaurador do Parayso, os Portuguezes restauradores da Bahia: Deos, que sô com o vir restaurou; os Portuguezes, que bastou sô que viessem para restaurarem: *Accipiam vos.*

Mas, porque Deos neste passo rendeu, & fugeytõu o poder do Demonio: & os Portuguezes renderãõ, & fugeytãõ o poder dos homens; passemos do Parayso a Jerusalelem, & com o devido respeito façamos a comparação entre Deos fugeytando a

homens, & os Portuguezes fugeytando tambem a homens; & falemos de Cidade a Cidade. Agora avultarãõ a maior gloria, & credito dos Portuguezes. *Cogitavit Dominus dissipare murum filie Sion: tendit funiculum suum, & non avertit manum suam à perditione: luxitque antemurale: & murus pariter dissipatus est.* Decretou & deliberou Deos vencer, & fugeytar a Cidade de Jerusalelem, & render os Animos rebeldes de seus Habitadores; & não cessou por espaço de setenta annos, nem desistio já mais de a combater: *Tendit funiculum suum, & non avertit manum suam à perditione. Per hunc funiculum accipit septuaginta annos captivitatis,* disse com Theodoreto, & Ruperto Santo Thomas. Porém ainda não está ponderado. Passados os setenta annos do primeyro combate, reforçou Deos o poder; & então poz por terra os muros, & antemuraes, & destruhio, & arrazou a Cidade: *Luxitque antemurale: & murus pariter dissipatus est.* De maneyra que para vencer Deos, & trazer a fugeyção o Povo de Jerusalelem, que não lhe obedecia, gastou setenta annos inteyros: *Per funiculum accipit septuaginta*

Threu. 2.

Theodoro ret. Rupert. Thom. apud. Alapid.

ginta

ginta annos captivitatis. Destruhi os Muros, poz por Terra os Edefícios, arruinou as Torres: tudo extorções tudo estrôdos, tudo batarias. E os Portuguezes, para fugeytarem os Habitadores, q̃ a violência se haviaõ apoderado da Bahia, não lhes foy necessario nem ainda hum anno inteYRO: em menos de hum anno os renderão, sê deffolações, sê escalas, sê estragos, sem ruinas. Lã Deos (segũdo o q̃ se nos representa) cõ grandes difficuldades: cã os Portuguezes sem nenhum trabalho: *Accipiam vos.*

E assim devia ser; porque pelejavaõ da parte dos vencedores, não sã os Portuguezes, como atẽgora dissemos; mas os Sãtos Todos, de quem esta Bahia tem o nome; & com elles o Salvador, de quem esta Cidade tem o titulo: *Judic. 5.* *Cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos.* Na batalha de Bãrac diz a Sagrada Escritura, que se pelejava da Terra & juntamente do Ceo: *De Cælo dimicatum est.* E tal foy a batalha na Restauração da Bahia. Da Terra pelejavaõ os Portuguezes com as armas: do Ceo pelejava o Salvador, & mais Santos com a intercessão. Assim o mostrou o

effeyto. Porque tã pouca resistencia da parte dos vencidos confeçava, & reconhecia da parte dos vencedores poder muyto superior ao Humano. Alẽm de que não se pôde negar que nesta occasiãõ sahisse com o seu Exercito a Campo o Salvador; pois elle mesmo se appellida Capitãõ, & General contra os Inimigos da Fè, & da salvaçãõ: *Ego Propugnator ad salvandum.*

E daqui se segue, que intercedendo o Salvador, & *Isai. 63.*

mais Santos, & pelo bom successo das nossas Armas; mais devemos a vittoria aos mesmos Santos, & ao Salvador, do que aos mesmos Portuguezes. *Videte, filiz Sion, Regem Salomonem in diadimate,* *Cant. 3.* *quo coronavit illum mater sua: Vede, filhas de Jerusaleem, vede ao Rey Salamaõ coroadado com o diadema, que lhe deu sua mãy. Supponho que todos estais jã na duvida. Quem coroou a Salamaõ; (como consta do Texto) foy David. privou da Coroa a Adonias seu filho mais velho, & a deu, & poz na cabeça de Salamaõ tãbem seu filho mais moço: *Rex David Regem constituit Salomonem.* Pois se David foy o que deu a Salamaõ a coroa, como diz agora o mesmo Salamaõ,*

Cant. 3.

3. Reg.

1.

Salamaõ , de quem saõ as palavras , que referi , que o corrou naõ seu pay , senaõ sua mãe : *Coronavit illum mater sua* Mas já dey na rafaõ , ou já deu nella o Grande Vieyra : Porque ainda que David foy o q̄ corrou Salamaõ Bersabê sua mãe , como taõ valida do mesmo David , foy a que com sua intercessaõ lhe impetrou , & cõseguio a coroa. *Tu iustasti ancilæ tuæ: Salomon filius tuus regnabit post me*, disse, & presentou como Memorial a mesma Bersabê , intercedendo por Salamaõ a David : Lembray-vos, Rey, & Senhor meu , que me promettestes , & ainda jurastes , que meu filho Salamaõ vos havia de succeder no Reynado. E porque por esta intercessaõ julgou Salamaõ que mais devia a coroa a Bersabê, do que a David; por isso disse, & publicamente protestou que a coroa não David, senaõ Bersabê ; naõ seu pay, senaõ sua mãe: *Coronavit illum mater sua*. E porque tambem (como he de crer) por intercessaõ do Salvador, & mais Santos alcançaraõ os Portuguezes a vittoria , de q̄ vamos tratando; por isso digo q̄ mais a devemos aos mesmos Santos , & ao Salvador, do

q̄ aos mesmos Portuguezes.

Mas se entre estes Santos todos hà algum ou alguns, de quem se possa dizer com especialidade que he sua esta vittoria , & esta Restauration, Saõ os dous Gloriosos Apostolos, Saõ Philippe, & Santiago: & por nenhũa outra rafaõ, senaõ sô, porque foy conseguida , & alcançada determinadamente no seu dia. Ouvi a Prova. Todas as obras, & acçoens de Christo , em quanto viveu neste Mundo, foraõ obras de Christo, & do Amor de Christo : *Cum dilexisset suos*. Com tudo, sô as do tempo de sua Payxão , & morte se chamãõ com especialidade acçoens , & obras suas, & do seu Amor: *In finem dilexit eos : Vehementer dilexit eos*. E porque? Por nenhuma outra rafaõ, senaõ sô porque foraõ estas feytas , & obradas pelo mesmo Christo no dia, & na hora sua, & do seu Amor: *Quia venit hora ejus*. Todos os Santos, (como vimos) entrãdo nesse numero os dous Gloriosos Apostolos S. Philippe, & Santiago , intercederaõ pela Restauration da Bahia. Mas, porq̄ a naõ conseguiraõ os Portuguezes no dia de algum outro Santo, senaõ no dia determinadamente dos Apostolos Saõ

Viey.t.

II.

pag.

514

Ibidem.

Joan.

13.

Ibidem.

Euthy-

m. apud.

Alap.

ibidem.

Ibidem.

São Philippe, & Santiago, ao primeyro de Mayo; por isso he sua, & toda sua, & especialmente sua esta Restauração, & esta vittoria: a elles com especialidade lha devemos, & lhes devemos a muyta facilidade, & quasi nenhuma resistencia, com que a alcançamos: *Accipiam vos.*

V.

A Cabouse-nos o thema, & eu tambem devèra acabar aqui o Sermão; mas ainda me resta satisfazer a hum escrupulo, que muyto hà me acompanha; & he este: A celebridade, que hoje faze-mos em Acção de Graças pela Restauração da Bahia, não a haviaõ de fazer os Portuguezes de cá, senão os de là; não a Bahia, senão a Lusitania & a ração he: porq̃ a Lusitania, & os de là foraõ, & são os mais interessados nesta Restauração; & não sò por huma ração, ienaõ por muitas. Agora entendereis, porque no principio do Sermão chamey à Bahia *Primeyra vida, & Alma de Portugal.* E passemos da Metaphora dos olhos, de que já fallámos, à Metaphora da Alma, de que agora falaremos.

As coufas, que mais animão huma Monarquia, são

duas: a Fidalguia, & as riquezas; mas as riquezas primeyro. A Fidalguia ennobrece-a: as riquezas dourm-na; a Fidalguia he o sangue, as riquezas são a Alma das Monarquias. Se não tiver huma Monarquia riquezas, por mais que tenha Fidalguia, não hade manear os braços; mas, ainda que tenha fidalguia, se tiver muytas riquezas, hade prevalecer contra hum Mundo inteyro. Esta verdade he tão certa, que não necessita de mais prova. Agora dizey-me: Donde vão as riquezas para a Lusitania? Não pergunto bem: Donde vão as mayores riquezas para a Lusitania? Não se pòde negar que vão da Bahia. Digão-no tantas Frotas, & tão opulentas, que sahindo deste Porto, vão pagar tributo às ondas do Tejo, & fazem crescer o ouro das suas arêas com as riquezas, que de cá lhe levão. Digam-no os Contratos tão grossos, que aqui se rematão todos os annos: & tantas outras rendas, & tributos, de que à Lusitania se lhe seguem tam crecidos emolumentos. Emfim, para não gastarmos mais tempo, de là tem a Lusitania o lustre da Fidalguia: de cá lhe vay

Quod que suo Tagus amne ver-bit, fluit ignibus aurum. Ovid. lib. 2. Metam.

o poder das riquezas, que a animo, & sustentão, para que não caya, & pereça.

E nem a mesma Lusitania isto nega; antes o deve confeçar, & já confeça. Vio São João hum sinal grande no Ceo: era huma Mulher vestida do Sol, & calçada da Lua:

Apocal. 12. Vicy. 12. pag. 259. *Cælo: Mulier amicta Sole, & Luna sub pedibus ejus.* Esta Mulher não faltou já quem discesse que, por estar entre luses, era a Lusitania; a Lua dizem communmente que significava as riquezas: *Omnes divitias sub pedibus calcaret*; & nós já atraz dissemos que significava a Bahia: *Luminare Minus, ut præfset Nocti.* Como se Bahia, & riquezas, tudo fosse a mesma cousa. Mas porque tinha a Mulher debaixo dos pés a Lua? Sabeis porque? Porque a Lusitania sempre cuydou, & cuyda que tras a Bahia por bayxo dos pés. Mas se assim o cuyda; isso mesmo he confeçar que a Bahia lhe serve de Estribo, em que se sustenta, para que não caya, & pereça: *Luna sub pedibus ejus ut Mulierē (Notay) Ut Mulierem sulciat, & sustentet, accrescenta hū grave Expositor deste lugar.*

Sylvey. Ibidem.

Alcaçar apud. Alapid. Ibidem.

Signum magnum apparuit in Cælo: Mulier amicta Sole, & Luna sub pedibus ejus. Esta Mulher não faltou já quem discesse que, por estar entre luses, era a Lusitania; a Lua dizem communmente que significava as riquezas: *Omnes divitias sub pedibus calcaret*; & nós já atraz dissemos que significava a Bahia: *Luminare Minus, ut præfset Nocti.* Como se Bahia, & riquezas, tudo fosse a mesma cousa. Mas porque tinha a Mulher debaixo dos pés a Lua? Sabeis porque? Porque a Lusitania sempre cuydou, & cuyda que tras a Bahia por bayxo dos pés. Mas se assim o cuyda; isso mesmo he confeçar que a Bahia lhe serve de Estribo, em que se sustenta, para que não caya, & pereça: *Luna sub pedibus ejus ut Mulierē (Notay) Ut Mulierem sulciat, & sustentet, accrescenta hū grave Expositor deste lugar.*

Outra razão. He mais inte-

ressada a Lusitania na Restauração da Bahia; porque perdendo a Bahia, perdia a todo o Brasil: que todo havia de ser de Hollanda, se a Bahia se não restaurasse. Essa he a condição, ou sorte (não sey se diga infelice] da cabeça; que sempre os membros padecem com ella a mesma fortuna. *Herodes Rex turbatus est, & omnis Jerosolyma cum illo,* nasceu Christo, turbouse Herodes. Não está aqui o meu reparo. Que se turbe Herodes, & q se affilja, porque teme perder a coroa com o Nascimento de Christo; bem está, ou mal está: mas que se turbe tambem, & perturbem com elle os Cidadãos de Jerusaleem: *Et omnis Jerosolyma cum illo,* porque? Porque era Herodes cabeça: *Herodes Rex;* os Cidadãos eraõ seus membros; & sempre os membros padecem com a cabeça a mesma fortuna: *Herodes Rex turbatus est, & omnis Jerosolyma cum illo.* E sendo a Bahia Cabeça do Brasil, & as mais partes delle membros desta Cabeça: todo, & todas as havia de perder a Lusitania no caso, que a Bahia se não restaurasse; porque não se restaurando a Cabeça, todos os membros havião de ser cativos:

Et

Et omnis Jerosolymacum illo.

Outra razão. He mais interessada a Lusitania nesta Restauração; porque no caso, que a Bahia padecesse a sugueyção de Hollanda, tambem Lisboa não estava segura. Não sey se digo muyto; mas provavel he que assim fosse. A razão politica, & verdadeyra deyxos aos Estadistas: darey só a que he mais coherente com o que tenho dito. Já vimos q̄ Lisboa, & a Bahia são as duas Almas, & os dous olhos, q̄ illustrão, & animão o Reyno, & Monarquia de Portugal. E sendo duas Almas num corpo: *Erunt duo in carne una*; perecendo huma dellas, tambem a outra havia de perecer naturalmente. E sendo dous olhos do mesmo corpo; havia de padecer hum o que o outro padecesse. E a razão he porque os olhos, ainda que são dous, de tal sorte são uniformes, & proporcionados hum como outro, q̄ não são dous, senão hum só. *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa, in uno oculorum tuorum*: trasladão outros: *In unitate oculorum tuorum*: porque os vossos olhos, Esposa minha, sendo dous, por sua boa uniformidade, & proporção, não são dous, senão hum só; por isso

me roubãraõ o coração, disse là o Esposo Divino à sua Esposa. Mas ainda Job (quanto eu imagino) o disse mais claramente. *Et oculi mei conspecturi sunt, & non alius*: os meus olhos hão de ver a meu Creator, & não outro. Havia de dizer: os meus olhos, & não outros; mas os meus olhos, & não outro? Sim. Porque como se uniformavaõ os dous olhos de Job, & proporcionavaõ em olhar para o Creator: *Conspecturi sunt*; posto que fossem dous distintos: *Oculi mei*; por razão desta uniformidade, & proporção já não eraõ dous, senão hum só, & o mesmo: *Et non alius*. Sendo pois estas duas Cidades de Lisboa, & Bahia: ou sendo estes dous olhos da Monarquia de Portugal tam uniformes, tam proporcionados, tão parecidos; & sendo por isso não duas cousas, senão huma só: *In unitate oculorum*; & não diversas, senão mesma: *Et non alius*; era muyto natural, & ainda infallivel, que padecendo a Bahia o cattiveyro de Hollanda, tambem Lisboa o padecesse.

Vede agora, se por todas estas razões he mais interessada a Lusitania nesta Restauração, do que nós somos. E porque he a mais interessada

nella,

nella, a ella lhe toca, & não a nós, celebralla. Quando David venceu, & matou ao Gigante: quem mais interessava naquella victoria, não era o Exercito de Israel, que estava em Campanha; porque como Guerreiro, podia bem pelear, & defenderse: quem interessava mais nella, era o Povo, que havia ficado nas Cidades; porque como incapazes para a Guerra, na morte do Filistheu interessavaõ a mayor segurança de suas vidas. E que succedeu? Não celebrou, nem festejou a victoria o Exercito de Israel, que interessava menos; senão o Povo das Cidades, que interessavaõ mais: *De universis urbibus Israel choros ducentes præcinebant: Percussit Saul mille, & David decem millia.* E como pelas razões, que apontey, se prova sem controversia que a Lusitania he a mais inte-

1. Reg.
18.

ressada na Restauração da Bahia; não à Bahia, senão à Lusitania lhe compete celebralla: não a nós, senão a elles pertence dar a Deos por ella as devidas graças.

Mas nós as queremos dar, & volas damos, Senhor, prostrados a vossos pés por tanto beneficio. Augmentay, regey, & levay adiante esta Cidade, que por tantos titulos he vossa. Concedey-lhe todas aquellas fortunas, todas aquellas felicidades, todos aquellos bens, que por Cidade vossa merece. Para que confezando-se os seus Habitadores favorecidos, & premiados de vossa liberal mão; procurem em gratificação o vosso mayor agrado por meyo do unico, & summo bem, da Graça, pela qual consigaõ a unica, & summa felicidade da Gloria: *Quam mihi, &c.*

LAUS DEO.





LICENÇAS
DO SANTO OFFICIO.

O Padre Frey Manoel da Esperança Qualificador do Santo Officio veja o Sermaõ da Restauração da Bahia, & informe com seu parecer. Lisboa vinte & seis de Janeyro de 1706.

*Carneyro. Hasce. Monteyro. Ribeyro. Rocha:
Fr. Encarnação.*

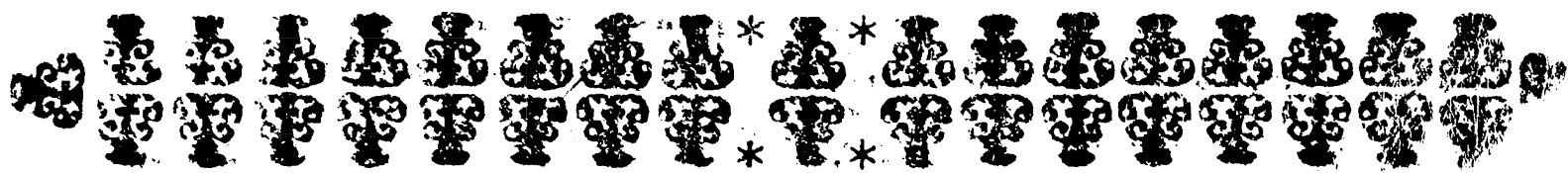
P Or mandado de Vossa Illustrissima vi este Sermaõ da Restauração da Bahia prégado na Sé da mesma Cidade pelo Padre Angelo dos Reis da Companhia de Jesus, da Provincia do Brasil, & nelle não achey cousa, que en contre à nossa Santa Fé, ou bons costumes. Carmo de Lisboa vinte & oyto de Janeyro de 1706.

Frey Manoel da Esperança.



O Padre Mestre Frey Manoel da Conceyção Qualificador do Santo Officio veja o Sermaõ da Restauração da Bahia, & informe com seu parecer. Lisboa vinte & nove de Janeyro de 1706.

Carneyro. Hasce. Monteyro. Ribeyro. Rocha.



ILLUSTRISSIMOS

OS SENHORES.

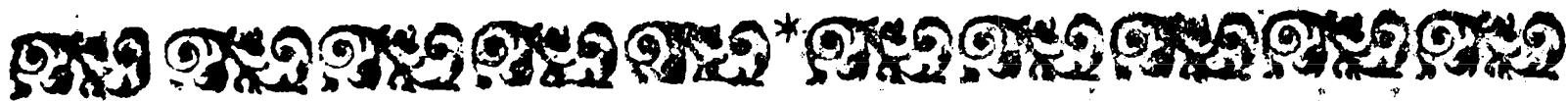
A Caba o Author deste Sermaõ mostrando com a erudição com que o principiou, que a nossa Lusitania he a mais interessada na Restauração da Bahia : como assim seja, deve o prelo desta Cidade mostrar-se agradecido ao engenho da Bahia , & o poder de Vossas Illustrissimas propicio , concedendo licença , para que imprimindo-se o ditto Sermaõ , corra por toda a parte a noticia, que não só riquezas, mas ainda doutrina nos manda a Bahia. Lisboa em o Convento da Santissima Trindade Redempção de Cattivos em trinta de Janeyro de 1706.

Frey Manoel da Conceyção.



Vistas as informaçoes, pôde-se imprimir o Sermaõ da Restauração da Bahia, & impresso tornará para se conferir , & dar licença que corra , & sem ella não correrá. Lisboa cinco de Fevreyro de 1706.

Carneyro. Haſce. Monteyro. Ribeyro. Rocha. Fr. Encarnaçao.



Pode-se imprimir. Lisboa nove de Março de 1706.
Frey Pedro Bispo de Bona.



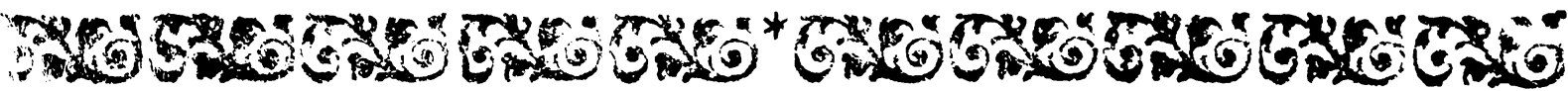
LICENÇAS DO PACO.

O Padre Dom João de Christo veja este Sermaõ, & pondo nelle seu parecer, o remetta a esta Menza. Lisboa dez de Março de 1706.

Oliveyra. Lacerda. Vieyra.

Veste Sermaõ, que o Padre Angello dos Reis da Companhia de Jesus da Provincia do Brasil, prègou na Restauração da Bahia, que todos os annos celebra aquella Cidade, grande pela sua opulencia, & ainda mayor pelo seu agradecimento; & lido, & examinado, me parece que entre os preciosos generos, com que a America enriquece o nosso Reyno, póde ter este Sermaõ o primeyro lugar, porque nada tem que encontre o Real serviço de Vossa Magestade, que farà o que for servido. São Vicente de Fóra quinze de Março de 1706.

Dom João de Christo.



Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornarà à Menza para se taxar, & conferir, & sem issnaõ correrá. Lisboa dezassette de Março de 1706.

Oliveyra. Lacerda. Vieyra.

